

7.

Referências Bibliográficas:

ABREU, M. de A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. INPLANRIO. 2ª ed. Zahar Editor, 1997.

ALMEIDA, H. N. **Conceptions et Pratiques de la Médiations Sociale Les Modèles de mediations dans le quotidien professionnel dos assistants sociaux**. Fundação Bissauya – Barreto, Coimbra, 2001.

A Memória das favelas. Comunicação do ISER.nº 50 – Ano 23 – 2004.

Associação Projeto Roda Viva – Construção da Cidadania da Criança. Relatório 2001.

BURGOS, Marcelo Baumann. **“Dos Parques Proletários ao Favela-Bairro – as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro”**. In: Zalur,Alba; Alvito, Marcos (orgs.). Um Século de Favela. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. **Cidade, Territórios e Cidadania**. DADOS, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol.48, nº 1, 2005.pp.189 a 222.

Borel Brasil, Rocha, P.[Compositor] In: **Funk do Borel**. Coisa de Crente p. 2006.I CD (Ca. 40 min) Faixa 6 (3min 40s).

Catálogo e Perfil dos Associados da ABONG. São Paulo, 1999.

CUNHA, Christina Vital. **Ocupação Evangélica: efeitos sociais do crescimento pentecostal na favela de Acari**. Dissertação de mestrado, UFRJ, 2002.

Informativo do Projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio nº 06.Condutores de Memória – **Recordando e construindo as histórias**. Setembro de 2005.

Informativo do Projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio. Condutores de Memória – **Recordando e construindo as histórias do Salgueiro**. Julho de 2004.

Informativo do Projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio. Condutores de Memória – **Recordando e construindo as histórias da Formiga**. Maio de 2004

Informativo do Projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio. Condutores de Memória – **Recordando e construindo as histórias do Morro do Andaraí**. Outubro de 2002.

Informativo do Projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio. Condutores de Memória – **Recordando e construindo as histórias do Morro do Borel**. Junho de 2004.

Instituto de Estudos da Religião - ISER < disponível em: [http:// www.iser.gov.br](http://www.iser.gov.br) > Acessado em 05 mai. 2006.

Estatuto da Cruzada São Sebastião. **Como trabalhar a Fundação Leão XIII**. Notas e relatórios 1947 a 1954 – Morros e favelas. Rio de Janeiro.

Favela tem memória. < Disponível em [http:// www.favelatemmemoria.com.br](http://www.favelatemmemoria.com.br) > Acessado em 22 mar. 2006.

Fundação Leão XIII. **Estatuto da Fundação Leão XIII:artigo 1**.RJ. 2 fev.1947.

Fundação Leão XIII. < Disponível em: [http:// www.fundacaoleao.com.br](http://www.fundacaoleao.com.br) > Acessado em: 10 ago.2006.

GOHN, M. da G. Os Sem- Terra, ONGs e Cidadania: sociedade civil brasileira na era da globalização. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **O Protagonismo da Sociedade Civil: movimentos sociais, Ongs e redes solidárias**. São Paulo: Cortez, 2005 – Coleção questões da nossa época: v.123.

GOMES, M. **As lutas do Povo do Borel**. Ed. Muros: Rio de Janeiro, 1980.

Histórias de favelas da Grande Tijuca contada por quem faz parte delas: Projeto Condutores(as) de Memória: uma publicação do Ibase. Rio de Janeiro: IBASE: Agenda Social Rio, 2006.

História de favelas contadas por quem faz parte delas < Disponível em <http://www.ibase.org.br> > Acessado em: 14 nov. 2006

JAMUR, Marilena. **Solidariedade(s)**. In: O social em Questão, ano II, v.4, nº 4. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1999.

Jocum Borel. Disponível em: < <http://www.jocumborel.org.br> > Acessado em: 22 nov. 2006.

Jovens com uma Missão. Disponível em: < <http://www.jocumrio.org.br> > Acessado em: 22 nov. 2006.

KAMEYAMA, N. **A Nova configuração das políticas sociais**. Revista Praia Vermelha nº 05, UFRJ, 2001.

LANDIM, Leilah e COTRIM, Leticia Lignelil. **ONGs: um perfil – Cadastro das filiadas a Associação Brasileira de ONGs(ABONG)/ ABONG e ISER – 1996**.

_____. **Notas em torno do Terceiro Setor e outras expressões estratégicas**. In: Projeto Modernização e as Configurações do Social. Relatório de pesquisa. UFRJ, 1999.

_____. **A invenção das ONGs: do serviço invisível a profissão impossível**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/ UFRJ, 1993.

LIMA, N.V.T. **O movimento de favelados do Rio de Janeiro – Políticas do Estado e Lutas Sociais (1954-1973)**. Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1989.

MACEDO, Aline e OLIVEIRA, Adriano. **O Terceiro Setor e as Organizações não-governamentais – Algumas reflexões**. In: Projeto Modernização e as Configurações do Social. Relatório de pesquisa. UFRJ, 1999.

MAIA, E. D. **Esporte e Juventude no Borel. In: O esporte na década de 90: da profissionalização á massificação**.

MARTINELLI, M. L. In: **Notas sobre a mediação: alguns elementos para sistematização da reflexão sobre o tema**. Revista Serviço Social e Sociedade, ° 47. Rio de Janeiro, Cortez, 1999.

MEDEIROS, Bianca Freire e CHINELLI, Filipina. **Favela e Redes Solidárias: formas contemporâneas de mobilização e organização popular no Rio de Janeiro**. In:

Project “Latin American Urbanization in the late 20TH Century: A comparative study. Montevideú, August, 2001”.

_____. **Três Décadas de discussão sobre algumas formas de mobilização popular no Brasil.** Research Project on Urbanizations and models of development in Latin América. Relatório Preliminar. Janeiro, 2003.

_____. **O Rio de Janeiro na virada do século: mercado de Trabalho, violência e formas de mobilização e ação coletivas.** Pesquisa

Mediação e Instrumentalidade no trabalho do Assistente Social - Mediação: categoria fundamental para o trabalho do assistente social. Programa de Capacitação Continuada para Assistentes Sociais. CEFESS – ABEPSS – CEAD? NES – UnB.

MIRANDA, M e MAGALHÃES, P. **Reflexões a partir da Agenda Social.** In: Revista Democracia Viva nº 8, 2000.

MONTANO, C. **Terceiro Setor e Questão Social: crítica ao padrão emergente de intervenção social.** 4º ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Mudanças ocorridas nas favelas e nas organizações comunitária nos últimos dez anos. Centro de Defesa de Direitos Humanos Bento Rubião. Relatório Final, 1991.

NOEL, F e Pugliese, L. **A violência que oculta a favela: a dia-a dia nas favelas do Rio: o dia-a-dia nas favelas do Rio.** Porto Alegre: L&M, 1990.

Os “Condutores de Memória”: História, Comunidades e Identidades Locais. Texto apresentado no VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2002.

PANDOLFI, Dulce. **Poder público e favela: uma relação delicada.** In: Oliveira, Lucia Lippi de. Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

_____. **A Favela fala: depoimentos ao CPDOC.** Editora: FGV, 2003.

PERLMAN, J. E. **O mito da marginalidade: favela e política no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PINTO, C. R. J. **As Ongs e a política no Brasil: presença de novos atores.** < Disponível em: <http://www.scielo.org> > Acessado em 04 Jul. 07.

PONTES, R. **Mediação e Instrumentalidade no trabalho do Assistente Social.** Rio de Janeiro: Cortez, 1997.

Projeto Escola de Mediadores. Manual de Referência. Teoria da Mediação. Balcão de Direitos, 2002.

Relatório de Atividades do Exercício de 2006. JOCUM – Morro do Borel.

Roda Viva < Disponível em [http:// www.rodaviva.org.br](http://www.rodaviva.org.br) > Acessado em: 21 mar. 2006.

SANTOS, A.M; LEITE, M. P; FRANCA. N. **Quando a memória e história se entrelaçam: a trama dos espaços na Grande Tijuca.** Rio de Janeiro: IBASE, 2003.

SANTOS, C. N. F. **Movimentos urbanos no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

STEIL, C. A. **Relações entre Igreja, Estado e Favela na atuação pastoral da arquidiocese do Rio de Janeiro.** Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1984.

SILVA, I.G. **Democracia e participação na “reforma do estado”.** São Paulo: Cortez, 2003 – Coleção Questões da Nossa Época.

TAVARES, Maria Helena. **Décadas de 80 e 90 – SMDS em questão.** Relatório de pesquisa, 1993.

TEXEIRA, Ana Claudia Chaves. **A atuação das organizações não-governamentais: entre o Estado e o conjunto da sociedade.** In: Dagnino, E. (org) Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil. São Paulo, UNICAMP: Paz e Terra.

QUIROGA, Ana Maria. **Caridade, Filantropia e justiça e os modelos de ação social.** Revista Praia Vermelha nº 05, UFRJ, 2001.

_____. **Violência e dominação: as favelas voltam à cena.** Revista Estado e Sociedade nº 10, 1995.

_____. **Políticas Assistenciais: controle do conflito e práticas de reapropriação (relatório final)** UFRJ, 1996.-

VALLADARES. L.(Org.) Préteceille, E., MEDEIROS –B.F. e CHINELLI. F. O Rio de Janeiro na virada do século: mercado de Trabalho, Violência e formas de mobilização e ação coletivas.

_____. **A invenção da favela. Do Mito de origem a favela.com.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VALLA,Victor Vicent. **Educação e favela - Política para as favelas do Rio de Janeiro1940-1985.**Ed.Vozes, 1986.

VELHO, G. e KUSCHNIR, K. **Mediação, Cultura e Política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

ZALUAR, A. e ALVITO, M (1998). **Um século de favela.** Rio de Janeiro:FGV, 1998.

ZAMORA, Maria Helena e KUENERZ, Carolina. **“Eu só conto mesmo é com Deus”: fé e religiosidade como bases de apoio.** In: O Social em Questão ano VI, v.7, nº 7. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2002.

ZUCCO, Luciana Patrícia. **Municipalização da Política de Assistência Social: o caso da SMDS.** Dissertação de mestrado. PUC/1997.

ANEXOS



Condutores de Memória

Recordando e construindo as histórias

Informativo do Projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio - nº 06 Setembro de 2005

Memória integra favelas à cidade

Caro(a) leitor(a)

you have in your hands the Informative of the project "Condutores de Memória". In this number, you know a little of our history, which began in 1999 in the communities of Grande Tijuca, and today it spreads throughout Rio de Janeiro.

Everything began six years ago in a social management course offered for leaders and residents of communities of Grande Tijuca by the ONG Gestão Comunitária, FAT e SMTB, through the Agenda Social Rio. Three participants of this course – the educators Maria Aparecida Coutinho, Mauriléa Januário Ribeiro e Ruth Pereira Barros – presented as project final a initiative that had as objective to allow that residents of favelas knew the history of occupation and struggle that guaranteed the right to housing in these areas.

The "Condutores de Memória" was born in an era when the communities of Grande Tijuca were passing through the intervention of a urbanistic governmental project, named Favela-Bairro. As transformations implanted by the project served as source of inspiration for thinking in the formation of local groups of young people who would be capacitated to act as guides for tourists, conducting visitors in the communities and talking about their history.

The project capacitates young people about the history of their communities, seeking to show that there is something positive in the favelas, valuing the local culture and affirming the favela as part of the city.

The workshops held in the communities (photos) function as a space of approximation of different generations of residents of the favelas cariocas, valuing the exchange, respect and mutual recognition. Through this, residents have their self-esteem elevated and they perceive themselves as subjects of the history that they are building.

We hope that, from the knowledge exchanged in the workshops, they will feel more responsible for giving con-



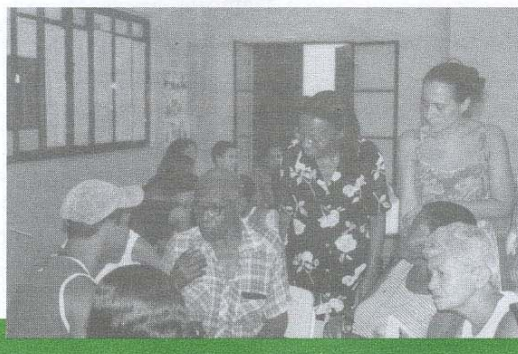
Marcus Vini

tinuidade às lutas de sua comunidade, buscando novas conquistas. Esse trabalho revela que nada do que está ali surgiu por acaso.

The favelas were the starting point of the initiative, which today involves various governmental and non-governmental institutions, public and private schools, and universities through workshops and sensitization activities. In this process, we could notice that generally the majority of the information that people in general have about the favelas is obtained through the big means of communication that give much emphasis to violence. The favela ends up being seen as a generator of violence and not as a result of the conditions of neglect and abandonment that was relegated during several years. One of the objectives of "Condutores de Memória" is to remove this stigma, valuing the cultural and historical-communitarian and showing that the favela contributed to the development of the city.

During the workshops and activities held, residents exchange important information about customs of the era of formation of the favelas, which range from clothes, food, leisure, production of waste, up to the dynamics of the struggle for water, sanitation, light, etc.

There is, still, a concern in keeping the team of educators updated, promoting various capacitations so that the work carried out relates, each time more, history and citizenship, allowing that residents come to have a reflexive look about the reality that surrounds them.



Acervo do Projeto

Oficinas de Memória : momentos de troca

Marcus Vini

As oficinas vêm sendo o principal instrumento do “Condutores de Memória”. Elas são atividades pensadas para sensibilizar a comunidade sobre a importância da recuperação da memória das favelas de forma compartilhada.

A construção da memória dessas localidades por seus(suas) moradores(as) contribui para a reconstrução de uma política local e para a valorização de sua auto-estima. O projeto pretende contribuir para a eliminação do estigma relacionada à favela e seu entorno, através da valorização de seus bens culturais em Oficinas de Memória, realizadas nas próprias comunidades, em escolas, e em outros projetos sociais. Nas Oficinas de Memória, as lembranças da comunidade são levantadas, discutidas e construídas ao mesmo tempo em que entram em debate temas da história da cidade, bem como questões atuais da comunidade.

Na metodologia utilizada é privilegiado o contato entre moradores(as) antigos e jovens. Geralmente, são organizadas quatro oficinas, dependendo da demanda local. A primeira delas, “Recordando a História”, é voltada para os(as) moradores(as) antigos(as) que são convidados(as) a se reunirem para construir, coletivamente, a história de ocupação local. A dinâmica é precedida de fala das educadoras do “Condutores” contando a história de ocupação da cidade do Rio de Janeiro, trabalhando



Lançamento do vídeo do Condutores na Escola Oga Mitá

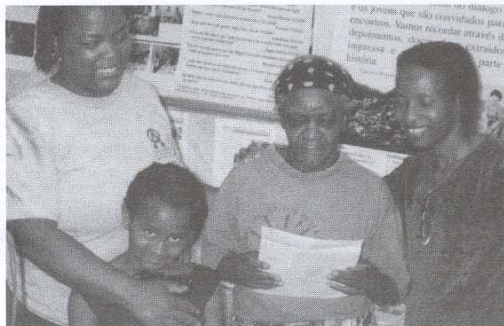
os estereótipos atribuídos às favelas e periferias e sua origem. Na segunda oficina, “Buscando a História”, os(as) jovens são convidados(as) a ouvir a história local narrada pelos(as) antigos(as), dando sua opinião sobre o assunto. No terceiro encontro, “Vivências passadas”, são levantadas as condições sócio-econômicas e profissionais da época de ocupação da favela, com enfoque na questão ambiental e abordando temas como o tratamento dado ao lixo domiciliar no

período. O último encontro, “Construindo a História”, busca colocar jovens e moradores(as) antigos(as) ainda mais próximos. Os(As) participantes são divididos(as) em mini-grupos e neles os(as) jovens, em diálogo com os mais velhos(as), produzem o que será a base para as matérias do Informativo do “Condutores” daquela comunidade. Esse

também é o momento para se conversar sobre as etapas futuras e como esse trabalho com a memória local pode ser levado adiante naquela comunidade.

Durante as oficinas, as lembranças contadas são discutidas, construídas através de dinâmicas conduzidas pela equipe do projeto e registradas em relatórios escritos, fotos, áudio e vídeo. O material produzido nas oficinas apresenta a alunos(as), professores(as) e moradores(as) das favelas e da cidade como um todo, um olhar de sua história que não está nos livros didáticos.

Arquivo do Projeto



Fechamento de uma das Oficinas de Memória.

Onde já estivemos?

As oficinas foram realizadas em cinco comunidades da Grande Tijuca: Borel, Chácara do Céu, Morro do Andaraí, Formiga e Salgueiro. Em cada uma delas foram oferecidas em torno de quatro oficinas. Cada uma das oficinas contou com a participação de cerca de 30 moradores(as) de todas as idades. Ao longo de cinco anos, mais de mil pessoas participaram diretamente das Oficinas de Memória. Se contarmos também as intervenções nos projetos locais, esse número sobe para 1500 pessoas envolvidas.

As histórias da Chácara do Céu, do Borel e do Salgueiro foram registradas em vídeo. Nele foram reunidas imagens das oficinas realizadas nessas comunidades, além de entrevistas gravadas com alguns(mas) moradores(as). O vídeo (“Condutores de Memória”) mostra também os(as) jovens moradores(as) que participaram da experiência comentando o passado e sonhando com um futuro a ser construído no dia-a-dia através de lutas e realizações.

Marcus Vini

**Painel organizado em evento comunitário.**

Próximos passos: o trabalho para além das Oficinas de Memória

Após a realização das Oficinas de Memória, há a preocupação de continuar a relação com a comunidade, estimulando o trabalho com a temática da memória junto a outras iniciativas comunitárias. Por isso, o "Condutores" procura participar de encontros comunitários e fóruns sociais, nos quais apresenta resultados do trabalho realizado nas oficinas, além de organizar a exposição de documentos e fotografias para manter o tema vivo entre moradores(as) e divulgar a proposta para público mais amplo.

No início da iniciativa organizaram, por exemplo, uma gincana durante a Festa Junina do Borel, estimulando o debate sobre a história do local.

O projeto também busca fazer intercâmbios e parcerias com grupos e instituições locais e do entorno através de palestras e oficinas. Essas instituições e grupos promovem o projeto junto a veículos de comunicação e cedem espaços para realizar atividades do projeto.

Resgatando memórias, construindo o futuro

O "Condutores de Memória" se tornou uma referência importante no campo das iniciativas que trabalham com a memória das favelas e da cidade. Suas educadoras são convidadas por diversas entidades e instituições para expor a proposta e para capacitar grupos sociais ou auxiliar projetos similares.

Existe uma demanda para que o projeto amplie sua atuação, o que deixa evidente seu êxito e a importância de sensibilizar mais gente para o tema da memória na construção de uma imagem positiva das comunidades. Se antes o foco principal era a realização das Oficinas de Memória, hoje, as atividades realizadas vêm colocando ênfase na capacitação de outros grupos locais para desenvolverem o trabalho em suas próprias comunidades, construindo uma memória local e divulgando a história das comunidades, principalmente da região da Grande Tijuca. Além disso, a iniciativa vem participando de debates com grupos de jovens de projetos sociais, contribuindo para a reflexão sobre a importância de se conhecer o passado para pensar o futuro ao levantar importantes conexões entre histórias apresentadas e as condições atuais da comunidade.

A proposta vem sendo divulgada, ainda, para um público mais amplo em atividades como o seminário "Memória Social e Favelas", do Laboep/UFF e a palestra dada na Universidade Estácio de Sá, com a participação de estudantes de graduação e pós-graduação. Essa vertente do projeto foi potencializada a partir do curso "Memórias Urbanas: por uma capacitação" que permitiu uma reflexão maior sobre a importância de se conceber a memória das favelas como parte da memória das cidades.

Está em fase de produção, uma publicação que irá sistematizar e registrar todo o trabalho desenvolvido até aqui tanto nas escolas, quanto nas comunidades e eventos culturais dos quais o "Condutores de Memória" participou. Há, ainda, muitos desafios pela frente, como a captação de recursos e estabelecimento de novas parcerias para que seja possível dar continuidade ao projeto, ou, ainda, encontrar espaço adequado para o armazenamento dos dados (quantitativos, qualitativos e iconográficos) já levantados ao longo dos cinco anos de projeto. Todo esse material encontra-se nas residências das coordenadoras, estando sub-utilizado por falta de espaço adequado.

Arquivo do Projeto

**Apresentação de trabalho em oficina realizada com o grupo Nós do Morro**

Seminários e palestras

Foram realizadas atividades do projeto junto às seguintes instituições e grupos: Nós do Morro, Universidade Estácio de Sá/ Barra, Urbandata, UFF, SUAM, Sociedade Favela tem Memória/ Viva Rio, Sobrado Cultural, Gestão Comunitária, Vida Nova, Agente Jovem/ Secretaria Mu-

nicipal de Ação Social, Agente Jovem/ Secretaria Municipal de Habitação, Igreja Católica dos Capuchinho, Igreja Batista Peniel/ Borel, Universidade Candido Mendes, Roda Viva, Casa da Auto Estima, CEC - Centro Educacional Complementar, Fábrica Escola Espetaculus Kabum.

Condutores de Memória

Recordando e construindo as histórias do Borel

Informativo do Projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio - 2ª edição Junho de 2004

Contando histórias

Mauriléia Januário

Nada do que existe hoje surgiu por acaso. O projeto "Condutores de Memória" tem como objetivo fazer notória a história de lutas e conquistas dos moradores. A idéia do projeto surgiu de duas moradoras do Borel – Ruth Barros e Maria Aparecida Coutinho – e uma moradora da Casa Branca – Mauriléia Januário, responsáveis pelo projeto na comunidade. Através da realização de oficinas com a participação de moradores jovens e antigos, foi possível compartilhar histórias de vida, recordações e lutas sociais que fizeram a comunidade ser o que é hoje. Para isso, o projeto promoveu entre dezembro de 2000 e fevereiro de 2001, encontros onde foi possível voltar ao passado, pontuando o que causava incômodo e felicidade. Conhecer nosso passado é importante para termos informações que nos ajudem a entender o presente e a criar um novo futuro. Este jornal é o primeiro resultado do projeto. As histórias aqui reunidas foram contadas por moradores que viveram e fizeram a história do Borel.



Divulgação

Ai que saudade!

Josias Pereira

De repente começava a cair uma chuva densa e tenra. Subia para o nosso nariz aquele cheiro suave de barro molhado, nos dando vontade de comê-lo. Esperávamos a chuvinha passar e continuávamos a nossa peladinha. Enquanto isso, alguns meninos rodavam pião perto da casa da Dona Hilda, uma senhora que quando a bola caía em seu quintal não queria devolver. Era um caos! Reclamávamos e achávamos que ela era uma bruxa sem sentimento. Mas tínhamos outras opções. Enquanto o vento não mudava, jogávamos bola de gude. À noite, ficávamos todos suados brincando de pique-bandeira ou carniça, cheios de sonhos e ideais para a vida, esquecendo a miséria e a fome que imperava no lugar. Éramos solidários e todos se conheciam.

Até hoje eu não sei porque este lugar era chamado "Tacidane", me dá impressão de palavra obscena ou desleixo, nunca explicaram a razão. Era chamado também de "Banco de Sangue", pela violência do passado. Era neste lugar que acontecia o show de calouros, comandado pelo José Lira e patrocinado pelo Bazar da Ponte. Era uma beleza! Jorge Neto apresentava. Depois, era a vez dos cantores já consagrados alegrarem a galera. Tudo era muito simples e espontâneo, mas



Arquivo "Folha do Borel"

todos se achavam verdadeiros ídolos.

Era ali que os meninos chamavam o outro para briga. Por ser um lugar largo e espaçoso, formava-se uma rodinha e vinha muita gente assistir quem seria o vencedor. Era o ponto cultural da comunidade, onde os blocos se reuniam para desfilar e as folias de reis paravam para se exhibir. A realização de cada grupo só seria completa com a exibição no Terreirão. Quantas vezes vínhamos do baile *soul*, parávamos ali, ficávamos conversando e esquecíamos da vida! Foi deste lugar que saíram compositores da Unidos da Tijuca vencedores de vários sambas enredo.

O Verão Vermelho contagiava todo o morro com suas vitórias e festas que repercutiam em toda a comunidade.

Hoje, nem todos conhecem estas histórias. Vejo muitos carros estacionados, lixo por todos os lados. Não ouço ninguém gritando "marraio". Nenhuma menina brincando de queimada ou amarelinha. Não vejo filas quilométricas no Bicão, nem mulheres conversando no portão. Hoje em dia, tudo é rápido e imediato. Todos têm pressa e não têm tempo para uma prosa. Parece que estou ouvindo a música de Ataulfo Alves que sempre tocava na ZYKM (a famosa rádio do Jorge Neto), que dizia "eu era feliz e não sabia". Ai que saudade!

Organização comunitária traz saúde para perto

Maria Aparecida Coutinho

Foi conhecendo os seus direitos que os moradores do Borel puderam se organizar, lutando por tudo aquilo que, no começo, falta-va na comunidade. Água, luz, esgoto, tudo foi motivo de luta. Os moradores recorriam aos órgãos públicos e faziam manifestações. Aos poucos, conquistaram muito. Uma das maiores necessidades dos moradores era saúde de qualidade, com um posto de saúde na comunidade. Quando foi inaugurado, em 1999, o “postinho” do Borel mostrou o resultado de tanta resistência. A comunidade homenageou Sr. Bonifácio, dando seu nome ao posto. Ele não aceitou. Preferiu reconhecer a luta de outro morador, já falecido, Carlos de Figueiredo Filho.

A união de uma associação

Ruth Barros

O Borel foi a primeira comunidade do Rio a ter uma associação de moradores. Criada em 1952, a União dos Trabalhadores Favelados revela como o povo era organizado e solidário. Naquele momento todos lutavam juntos por uma mesma causa. Assim, homens e mulheres conseguiram o direito de permanecer na terra em que moravam. Apesar de estabelecida no Borel, a União era abrangente, acolhendo moradores de outros morros que passavam pela mesma situação. Essa experiência ensinou a todos que o importante na luta pela comunidade é o respeito que se consegue quando há organização.

Rádio ajuda a divulgar lutas do Borel

Ruth Barros

A primeira rádio comunitária foi a “PRGJ Rádio Cipó”. Difusora das novidades, a rádio chamava os moradores para assembleias e informava tudo o que acontecia na luta pela posse da terra. Jorge Neto foi o morador que, com sua criatividade, criou a rádio, fortalecendo e estimulando a luta comunitária. Como na época (1952) não havia luz elétrica, a rádio só alcançava o *Tacidando*, hoje Terreirão. Mas as notícias corriam de boca em boca, chegando aos moradores, informando a todos o que acontecia.

Entrevista

Qual foi a impressão dos primeiros moradores quando chegaram ao Borel? De onde eles vieram? O quê desejavam? A professora Neisy Helena dos Santos, do Telecurso 2000 (1º. grau) e do Projeto Vida Nova na comunidade do Borel, convidou D. Gerlita Paixão, D. Elza Nascimento e D. Maria das Dores Rosa, moradoras do Borel há mais de quarenta anos, para darem seus depoimentos sobre essa história

Neisy: *Qual foi a impressão que as senhora tiveram ao chegar à comunidade do Borel?*

D. Gerlita: Vim para o Borel fixar moradia em 1948. Fiquei impressionada com os barraquinhos. Não havia luz. A luz que tinha era a luz da lua.

D. Elza: Fiquei assustada com as dificuldades. Antes, morava com uma família e tinha um certo conforto. No Borel, não havia banheiro, nem água.

D. Maria: Vim de uma cidade próxima de Campos em 1952. A dificuldade era muito grande. Um fato marcante foi a enchente de 1969, quando perdemos o barraco, na área da Grota.

Neisy: *Qual a recordação boa daquela época?*

D. Gerlita: Vivia feliz porque tinha a alegria de ver seus filhos brincarem. As crianças brincavam de chicotinho queimado, pique e boneca...

D. Elza: O show de calouros que acontecia no Terreirão. Ele era organizado pelo Jorge Neto. As pessoas dançavam e aplaudiam. Os moradores eram o auditório. Ao final da tarde, ele colocava a Ave Maria.

As lutas do povo do Borel no papel

Mariana Cavalcanti

Você sabia que a história do Borel virou um livro? Ele se chama “As Lutas do Povo do Borel” e foi escrito por Manoel Gomes, morador da comunidade, que teve um papel ativo na luta contra as remoções e pela posse da terra. Publicado em 1980, o livro relata a história da comunidade desde 1922. Além das histórias que contamos aqui, o livro fala do cotidiano dos moradores e da mudança da comunidade ao longo do tempo. Vale a pena conferir!

Participaram das oficinas do Borel: Alessandra Cassiano, Alexandre dos Santos, Allan da Fonseca, Ana Carolina Pereira, Ana Márcia Rodrigues, Ana Paula Galdino, Ana Regina da Silva, Anderson de Barros, André Luiz da Silva, Camila Gonçalves, Claudia dos Santos, Cláudio Bruno, Cristiane da Conceição, Daiene Monteiro, Daniele Lima, Débora Coelho, Eliete Queiroz, Elisângela da Fonseca, Eliza Cristina, Elza Nascimento, Fabio Lourenço, Fernando Nascimento, Gabrielle Mora, Gerlita Paixão, Gilvana da Silva, Ilza Mendes, Jefferson Feliciano, Jefferson Vieira, Jovino Santos, José Bonifácio, José Calegário, Josias Pereira, Judith da Rocha, Kézia Ribeiro Braga, Laurindo de Oliveira, Liliane Vitarino, Livia da Silva, Luana Silva, Luis Fernando Rodrigues, Maria Marçal, Maria Fidelis, Maria Rosa, Maria dos Santos, Maria da Fonseca, Marinho Lira, Michele Rangel, Michele da Silva, Neisy dos Santos, Paulo Junior, Rafael Tristão, Raquel Pereira, Rodrigo Rodrigues, Rosana Alves, Rosana Gomes, Sabrina Pestana, Sebastiana Magalhães, Sebastião da Silva, Shirley de Souza, Sidney da Silva, Simone dos Santos, Soraia Bruno, Tatiana dos Santos, Viviane de Mendonça, Viviane Salles, Wellington Monteiro, Wesley Braga

Condutores de Memória

Recordando e construindo as histórias do Salgueiro

Informativo do Projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio

Junho de 2004

Contando histórias

Mauriléia Januário

O projeto "Condutores de Memória" tem como objetivo tornar conhecido por todos o passado de luta e ocupação da comunidade do Salgueiro. Segundo relato de moradores e moradoras durante as oficinas realizadas na comunidade, o morro do Salgueiro começou a ser habitado por volta do ano de 1885 por pessoas vindas, em sua maioria, de cidades do interior do estado do Rio de Janeiro e também por escravos que se refugiavam no alto do morro.

No local, já houve plantação de café, cana de açúcar e hortaliças. Sendo uma população basicamente de negros, passou a desenvolver a cultura negra, de origem africana.

Os moradores lembram que não havia luz elétrica, nem água e o transporte para o alto do morro era feito no lombo dos burros e mulas. As mulheres em geral trabalhavam como lavadeiras.

As grávidas davam a luz na própria comunidade com ajuda das chamadas "parteiras". Criar porcos fazia parte da cultura local e era também um meio de sobrevivência. Foi lembrado, ainda, que a primeira televisão que chegou ao morro pertencia à Dona Ilka, moradora da Mirandela. Ao final das oficinas, os participantes expressaram o desejo de que haja, por parte dos governantes, maiores investimentos em educação, lazer e cultura para que a comunidade tenha sua auto-estima elevada.



Marcus Vini

Salgueiro da minha vida

Maria Aparecida Coutinho

Seu Melquíades (o nome mais difícil e conhecido do Salgueiro) tinha 55 anos quando faleceu. Felizmente, antes do triste ocorrido, pudemos registrar seu importante relato sobre a história da comunidade durante sua



participação nas Oficinas de Memória (foto).

Segundo ele, o nome Salgueiro foi dado à comunidade porque existiu uma fazenda de plantação de café cujo o dono se chamava Domingo Salgueiro. Ele veio para este lugar cultivar café e, então, construiu alguns barracões para os escravos. Quando houve a abolição da escravatura, aqueles que quiseram ficar alugaram os barracões e ficaram morando nas terras do Salgueiro, constituíram família e, assim, foi crescendo a comunidade até o que é hoje.

Esta história está registrada no livro "50 anos do Salgueiro" de Aroldo Costa, lançado em 2003. Na verdade, trata-se de um livro totalmente voltado

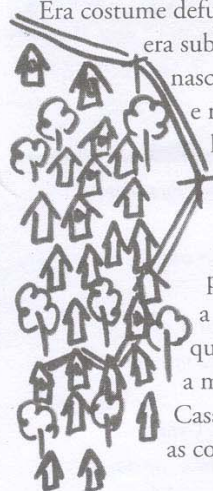
para a Escola de Samba, que tem 50 anos, mas a comunidade surgiu antes da libertação dos escravos. Hoje, quase não tem gente de fora, a maioria é de pessoas que são descendentes daqueles e daquelas que iniciaram a comunidade. A comunidade se renova passando de pai para filho, de mãe para filha, valorizando o aspecto de paixão e respeito pelo lugar. E, por falar em paixão, a Escola de Samba local surgiu de três escolas (ou blocos): Azul e Rosa Unidos do Salgueiro, outra Azul e Branco e outra Verde e Branco. Cada uma por si não conseguia um bom posicionamento nos campeonatos. Então, a Azul e Branco e a Verde e Branco se uniram e formaram a Acadêmicos do Salgueiro. A Azul e Rosa resistiu por mais um ano, mas logo se incorporou a Acadêmicos, dando origem ao que a Escola é hoje: "nem melhor, nem pior, apenas diferente". A Acadêmicos do Salgueiro foi a primeira a introduzir artistas plásticos nas escolas de samba. O primeiro campeonato foi conquistado em 1963 com enredo sobre Xica da Silva. Desde então, o Salgueiro já conquistou oito títulos de campeã.

As Lutas do Salgueiro

Ruth Pereira de Barros

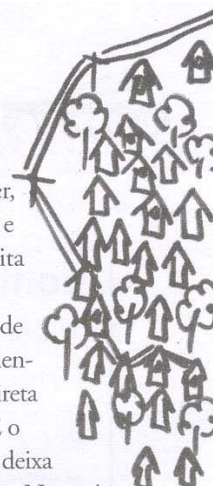
A comunidade do Salgueiro teve início quando ainda existiam alguns escravos e muita plantação de café. Os barracos eram de tábuas e as telhas de latão. Estrada não se tinha, era preciso subir no meio das pedras. Cozinhava-se na lenha, depois carvão e querosene. A alimentação era carne de porco guardada na banha.

Era costume defumar lingüiça e broa de milho era substituto do pão. A água era das nascentes do rio, carregada, na cabeça e na balança, para o uso diário. As lavadeiras de roupas iam bem cedo até o rio, só voltando à tarde com a trouxa de roupa equilibrada na cabeça e nas mãos prontas para passar com o ferro a carvão. Luz era de lampião de querosene ou vela. Transporte era a mula que trazia alimentação das Casas da Banha. A maioria subia com as compras na cabeça.



Apesar dessa geração de dificuldades, ainda se encontrava tempo para o lazer, para as brincadeiras, os grandes bailes e bate-papos. Havia solidariedade e muita união e amizade.

Houve grandes mudanças: as casas são de alvenaria, o acesso aos locais está pavimentado e mais fácil. A água é encanada, direta da Cedae. A luz vem direto da Light. E o transporte das kombis e dos motoboys deixa moradores e moradoras na porta de casa. Não existe mais lavadeiras de roupas equilibrando trouxa na cabeça e nas mãos. Não se cria mais porcos para servir de alimentação. Existem supermercados onde tudo é acessível. Não se carrega mais lenha. Hoje o gás fica na porta. O progresso chegou, a comunidade cresceu. Hoje não existe mais tempo para lazer, para uma prosa (como costumavam dizer). É tudo corrido, tudo rápido, mas os moradores nunca desanimam ou perdem a esperança para fazer do Salgueiro uma comunidade melhor.



Coral de Crianças

Ruth Pereira de Barros

O Instituto "Tocando em Você" está desenvolvendo trabalho na comunidade do Salgueiro em parceria com a Associação Comercial da Tijuca e do Pouso da Prefeitura na comunidade. Esse trabalho não é só de música, mas também de formação cultural através de atividades pedagógicas, jogos lúdicos e aulas de instrumentos como piano, violino, violão, teclado e percussão.

O coral formado por 40 crianças da comunidade já se apresentou no Teatro Ziembski, no Municipal, na Candelária e na oficina do Condutores de Memória na comunidade. Essa última apresentação (foto) contou, ainda, com a participação de uma aluna da comunidade que, ao tocar violino, emocionou a todos. Foi linda e emocionante a apresentação do coral e pudemos observar que essa geração de agora é o futuro do Salgueiro.



Arquivo do Projeto

Você Sabia...

...que a Assembléia de Deus da Tijuca, cuja sede se localiza hoje na rua Barão de Pirassununga, teve sua origem no morro do Salgueiro?

Participaram das oficinas do Salgueiro: Adão Machado, Alaide de Moura, Aldeci dos Santos, Alessandro Lopes, Ana Beatriz Moraes, Ana Beatriz Santos, Ana Paula dos Santos, Anete Maria da Silva, Anna, Antonio Claudio da Silva, Ariane Silva, Beatriz Cassimiro, Bianca de Araújo, Bruna Santos, Daniel Mariano, Dayana Silva, Djalma de Oliveira, Doralice Silva, Erick Lima, Felipe Mairink Silva, Flávio Mairink Silva, Francinete da Silveira, Gilberto Magalhães, Gilvan César Melo, Isabel Martins, Izabela Lopes, Jonathan Ferreira, Jorge Luiz Cardoso, Juan Felipe de Oliveira, Kleiton Araújo, Leda Maria Fernandes, Leir de Souza, Leonor Barbosa, Lielza Vieira, Lisamara Claudino, Luciano Rosa Filho, Marcela da Conceição Santos, Marcos Ferreira, Maria Gomes, Maria Regina da Conceição, Maria Rita de Souza, Mariane dos Santos, Melquíades, Nelsi de Carvalho, Nely Veloso, Oríde Cardoso, Pablo Coelho, Raquel da Rocha, Reinaldo de Paula, Rodolfo de Paula, Sebastiana Rodrigues, Sebastião dos Santos, Sebastião Lopes, Sílvia Maria Mello, Solange da Silva, Solange de Moraes, Solony Moraes, Suley Rodrigues, Suzane Tayane Gouveia, Tainara de Almeida, Tânia Cristiana de Oliveira, Taynara Pereira de Almeida, Thiago Lindolfo Gonçalves, Umjaciara Maria Medi, Xaylane de Paula, Yasmim da Conceição Santos, Zilda Mariano e Zumar Silva

Condutores de Memória

Recordando e construindo as histórias da Formiga

Informativo do projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio

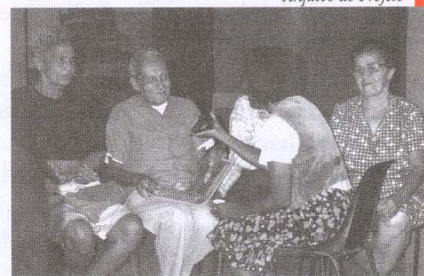
Maio de 2004

Retornando com a história

Ruth Pereira de Barros

O projeto "Condutores de Memória" fechou as oficinas de memória na comunidade da Formiga em 2003. Mais uma vez, não faltou emoção de moradores e moradoras ao recordarem seu passado. Recordações estas que contam a verdadeira história passo a passo com precisão de datas e poesia. Da chegada ao morro ao progresso e conquistas da comunidade através de reivindicações feitas coletivamente para que a mudança acontecesse; das brincadeiras às tristezas; das lutas travadas para permanecerem no morro à professora comunitária que ensinava a quase todos os antigos do local; dos grandes bailes à Escola de Samba e às manifestações de folclore da comunidade. Até uma história de amor de 53 anos foi contada de forma romântica e poética aos jovens!

Muitas coisas mudaram, mas ainda existe esperança que os jovens aprendam a história contada por quem construiu junto a comunidade e possam passá-la para seus filhos e filhas. Dessa forma, a memória do povo da Formiga estará sendo valorizada e suas lutas e realizações estarão sendo registradas e divulgadas, sensibilizando a população da comunidade para sua riqueza cultural. Como evoca a fala de um participante da oficina de memória: "Porque amanhã eu morro, todos morrem, e nossos filhos ficam sabendo o que acontecia nos anos de outrora".



Arquivo do Projeto

Folias da Formiga

Ruth Pereira de Barros

Falar de Folia de Reis é falar do folclore que existe na comunidade até hoje. Na Formiga, as folias começaram entre as décadas de 40 e 50 quando os então adolescentes Sebastião (mais conhecido como Adão de Deus) e Duzuca (conhecido como Zuma) resolveram criar uma Folia de Reis Amarela e Branca. Os instrumentos foram feitos de papelão, o chamado "marrado de corda". Seu Sebastião foi o primeiro palhaço. A Folia trazia muitas pessoas que acompanhavam: homens, mulheres, crianças, jovens, enfim, todos participavam com alegria. Moradoras e moradores abriam suas casas para receberem a Folia. Mais tarde, surgiram outras: a do Seu Zé Pequeno, a do Seu Edésio, a da Dona Dodoca, a do Camarão e a do Valdemar que continuaram a arrastar multidões pelas ruas da Formiga.



fotos: Marcus Vini

Na oficina de memória, os grandes organizadores dessa manifestação folclórica de nosso país, hoje já não tão popular no Rio de Janeiro, lembram que na Formiga existem Folias que os jovens de agora continuam praticando na comunidade.

A ocupação do morro

Mauriléa Januário Ribeiro

O morro da Formiga foi ocupado inicialmente por portugueses e alemães que lotearam suas terras. Os trabalhadores contratados para o calçamento da rua principal se encantaram com o local e resolveram fixar residência.

Para isto, aos sábados e domingos, construíam barracas, mas sofriam a repressão da polícia que os derrubava na segunda-feira.

Tiveram a idéia de construir e imediatamente colocar seus pertences caracterizando, assim, a moradia. Houve quem identificasse os barracos com seu nome na porta. Dessa forma, a demolição era evitada.

Histórias de amor da Cascata (sem cascata)

Maria Aparecida Coutinho

Você acredita em conto de fadas? Não?! Pois deveria, você pode ser fruto de um! Dona Olga e Seu José se conheceram ainda crianças, quando seus pais eram vizinhos na Vila do Seu Mendes, na Formiga.

Olga tinha um irmão caçula que não era batizado. Ela conta que seu irmão tinha problema de bronquite e Dona Elvira, mãe do José, achava que se fosse batizado, ficaria bom. Então a mãe de Olga entregou seu filho para que os vizinhos batizassem. Os pais de Olga e de José viraram compadres. Logo depois, o pai de Olga foi trabalhar na Marinha e, sempre que acontecia uma festa por lá e sobrava alguma coisa, ele levava para casa e dividia com seus vizinhos. Assim, Olga e José foram crescendo juntos, como se fossem parte de uma só família. Até que um dia, o pai de Olga comprou

uma casa em Mesquita e eles se separaram. Os laços, no entanto, já estavam feitos. Certo dia, em uma de suas visitas aos compadres, Olga levou de presente uma foto de sua formatura como datiló-

grafa e costureira. Dona Elvira colocou a foto num móvel da sala.

Na visita seguinte, Olga notou que a foto não estava mais ali. Dona Elvira lhe disse que José havia

guardado a foto e que queria ver Olga, a morena bonita do retrato. No domingo seguinte, os dois ficaram de se encontrar.

O dia do encontro chegou e Olga estava ansiosa. Quando José apareceu, os dois ficaram se olhando mudos até que a mãe de Olga interrompesse.

- Foi a coisa mais maravilhosa que me aconteceu. conta Olga. Fiquei olhando pra ele, só sentindo aquelas coisas, mas disfarçando.

Eles se aproximaram, se cumprimentaram, conversaram muito e ele perguntou se poderia voltar. Os pais de Olga concordaram e, então, começaram a namorar.

Hoje são 53 anos de amor e respeito que resultaram em três filhos criados na Formiga.

- Não é linda nossa história? pergunta Dona Olga. Emocionado, com lágrimas nos olhos, Seu José deixa uma mensagem:

- Olhem, jovens, quando se unirem a seus amores, façam tudo para serem amigos. Respeitem uns aos outros pois não existe coisa mais maravilhosa que o amor.



Formiga do meu coração

Maria Aparecida Coutinho

Vale a pena, dá gosto ver as pessoas contando com tanto entusiasmo as histórias de sua comunidade. Como era isso, como era aquilo, a origem do nome... E por falar nisso, você sabe porque o morro da Formiga tem esse nome? Então vai saber agora! Uma ilustre figura da comunidade, morador há mais de 60 anos, Seu Jorge, é quem nos conta:

- O nome Formiga surgiu quando abriram as ruas 2 e 3. No mexe-remexe da terra, surgiram muitas formigas, muitas mesmo, daquelas cabeçudas. Começaram a formar aqueles montes de formigueiros. Então, a Prefeitura mandou um grupo de especialistas para combatê-las e, quando eles vinham para cá matar as formigas, diziam que vinham para o morro das formigas e assim ficou o nome. Mas, originalmente, a favela era conhecida como morro da Cascata. A escritura vem como morro da Cascata e não como morro da Formiga.

Participantes das oficinas de memória na Formiga: Alexandre Garcia Oliveira, Ana da Silva Lourdes, Antônio Bento Ribeiro, Antônio da Fonseca, Armindo Felício, Cajá, Camila, Denis Ferreira Soares, Edson de Souza Felizardo, Everton Belato da Silva, Isabel Teles Cabral, Joaquim Severo Ribeiro Neto, Jorge, Jorge Brandão Thomas, José Adão da Silva, José da Silva, José Otávio Luciano, José Roberto Sabino, Lucenir dos Santos Oliveira, Lucia Batista de Arruda, Maria Criciúlo Miniguel, Maria Lucia Belato, Marlene Belato, Nanci Rosa Luciano, Nilza Rosa dos Santos, Olga de Carvalho Silva, Ricardo Alves, Rubens Belato da Silva, Sebastião Carmo Resende, Sebastião Mateus da Silva, Vilmar Costa e Virgílio Pauluce.



Condutores de Memória

Recordando e construindo as histórias do Morro do Andaraí

Informativo do projeto Condutores de Memória da Agenda Social Rio

Outubro de 2002

Voltando a contar histórias

Ruth Barros

O Condutores de Memória continua realizando oficinas em comunidades da Grande Tijuca com a participação de moradores jovens e antigos. Nas oficinas de memória compartilhamos histórias de vida, reivindicações e, também, fatos pitorescos. Nesta terceira etapa do projeto, realizada na comunidade do Andaraí, houve uma grande participação das mulheres, conversamos sobre a memória da formação, das vestimentas, da alimentação, do meio ambiente (tema bastante discutido), da sexualidade, do lazer dos grandes bailes e blocos, e da solidariedade. Conversamos, também, sobre o passado de trabalho, mobilização e união em torno de problemas, e sobre a busca coletiva de caminhos para soluções. Com orgulho e olhos brilhantes, moradores antigos contaram para os mais jovens as trajetórias de lutas que resultaram na urbanização e em serviços hoje existentes, conquistas de todos e todas que participaram desta história.



Divulgação

O começo do Clube Santo Agostinho

Darci Beira Silverio

A sede do Grêmio Recreativo Santo Agostinho tem uma história muito interessante. Na época em que estava sendo feito o calçamento da rua Santo Agostinho, um caminhão cheio de paralelepípedos estava subindo e, quando chegou no alto do morro, perto da rua Diogo, perdeu o freio e veio de marcha ré. Onde é a atual sede do Grêmio Recreativo Santo Agostinho, existiam duas casas velhas de estuque. O caminhão caiu em cima dessas casas, derrubando as duas de uma vez só. A quantidade de paralelepípedo era muito grande! Como o povo do Andaraí é um povo que, quando chega na hora do sacrifício, está junto, todo mundo começou a tirar os escombros. Para nossa surpresa, conseguimos achar as duas pessoas que ali moravam e não tinham um arranhão. Tanto o tio Abel, que era paraplético, como o Adão, que era tuberculoso, estavam bem. Um milagre! No salão da sede, vocês podem ver que o clube foi fundado em 21 de abril de 1967. Essa fundação foi quando nós compramos esse terreno. O Santo Agostinho começou realmente em novembro de 1949 em frente da Casa da Dona Marieta,



Arquivo do Clube Santo Agostinho

lá em cima, na rua Santo Agostinho, embaixo de um pé de jaqueira. Nosso primeiro presidente foi o seu José Marquês de Oliveira, mais conhecido como Zé Boas Condições. Então o Santo Agostinho foi crescendo e chegou ao ponto em que está hoje. A maior parte do que vocês estão vendo no Santo Agostinho foi feita com doações de moradores. Eu fazia campanha de cimento, de tijolo, e todos contribuía. Depois, comecei a fazer uns bingos. Foi assim que consegui fazer o resto das obras.

Participantes das oficinas do Morro do Andaraí: Adriana do Nascimento, Aline Cristina, Antônio Geraldo Ferreira, Bruna Pinto, Diego de Aires, Efigênia Oliveira, Elizângela de Carvalho, Fabio Batista, Fabiano dos Santos, Fabrício da Silva, Florisdina Pereira, Gisele da Conceição, Gisele Soares, Glauciane da Silva, Graciele, Ivonete Costa, Hilton dos Santos, Idalina da Silva, Jaqueline Karine dos Santos, Jaqueline Souza Santos, José Francisco de Almeida, Josefa da Silva Moço, Julio Silva, Lourdes Alves das Dores, Luana da Silva, Luiz Fortunato, Mara Cristina Fernandes, Marcos Vinícius de Oliveira, Marcus Vinícius Martins, Maria Aparecida Alves, Maria Ferreira Sobrinho, Maria Julia de Alcântara, Marieta dos Santos, Nair da Costa, Nancy de Oliveira, Nivaldo Dias, Odete Souza, Pablo Pereira, Paulo César Silva, Rafaela Barbosa, Rodrigo Santos, Solange de Souza, Sonia Guida, Tamara de Souza, Valdir Merchioro, Viviane dos Santos

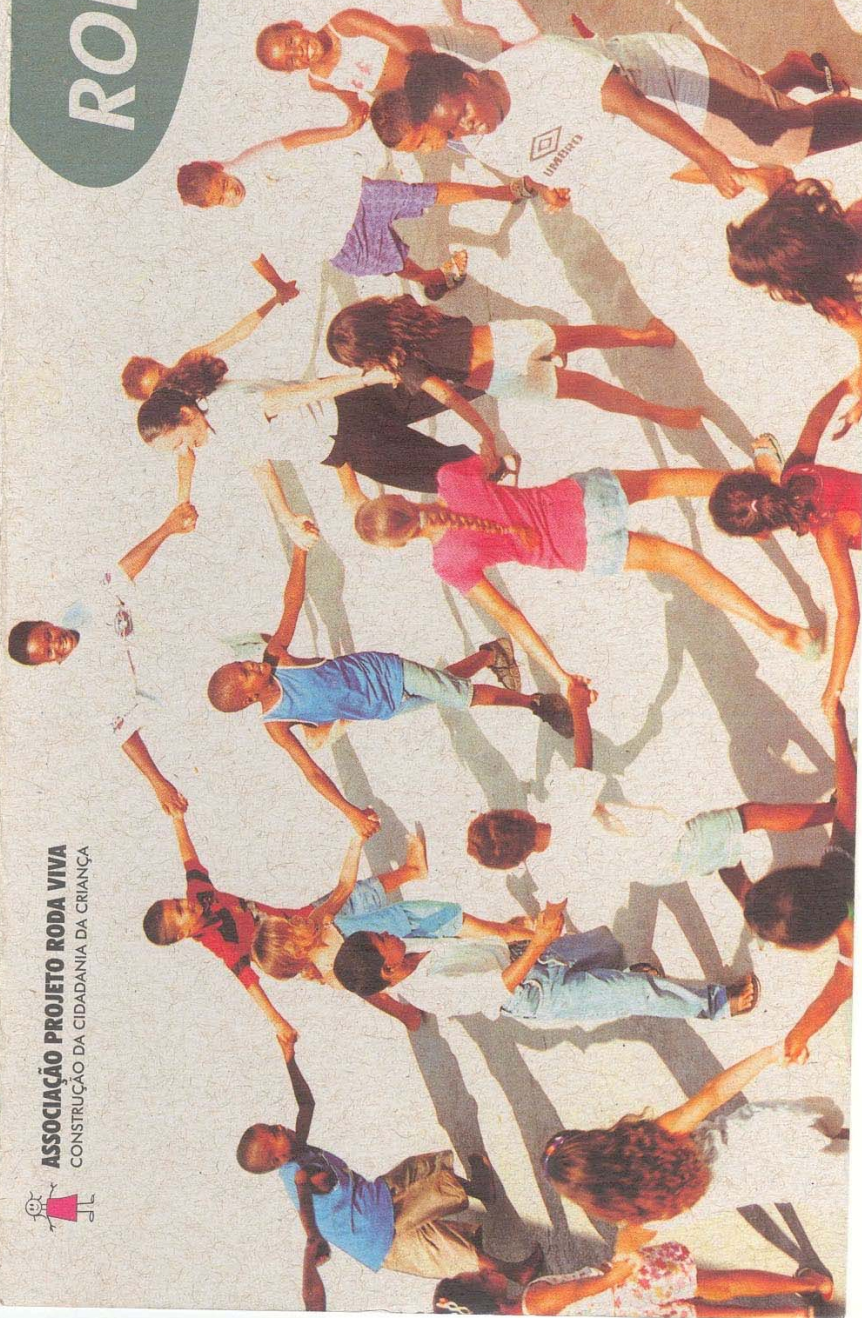


ASSOCIAÇÃO PROJETO RODA VIVA
CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA DA CRIANÇA



ASSOCIAÇÃO PROJETO RODA VIVA
CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA DA CRIANÇA

RODA VIVA



Há 18 anos
promovendo
a cidadania
de crianças,
adolescentes e
suas comunidades

RODA VIVA

Ong dedicada a promover

o desenvolvimento da cidadania
plena de crianças, adolescentes e suas
comunidades, por meio das áreas de
Desenvolvimento comunitário,
Fortalecimento da escola pública
e Educação ambiental.

Projetos da área de Educação Ambiental



AGENDA 21 LOCAL

A construção da Agenda 21 de Itaboraí - um dos municípios com menor IDH no estado do Rio de Janeiro - é um projeto apoiado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente e realizado em parceria com a Prefeitura do município.

Na primeira fase, atualmente em curso, identificam-se e mobilizam-se os atores sociais locais, que são em seguida capacitados para o planejamento estratégico do desenvolvimento local sustentável. O plano é sistematizado na segunda fase com a consolidação do documento final Agenda 21 de Itaboraí.

PRODUTOS DO MANGUE

Roda Viva atua em Itambi e Mauá, distritos à beira da Baía de Guanabara, desde 2001.



Após um período de mobilização e capacitação, moradores dessas comunidades se organizaram para produzir *mosaicos ecológicos*, um tipo de artesanato que compõe cenas, objetos ou figuras a partir de pequenas células de plástico colorido, de embalagens descartadas como lixo, no manguezal da Baía.

O resultado desse trabalho são os *Produtos do Mangue*, marca registrada que os artesãos comercializam e com a qual geram renda familiar.





ASSOCIAÇÃO PROJETO RODA VIVA
CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA DA CRIANÇA



*A comunidade constrói o futuro
E você também.*

Projeto

A comunidade construindo o futuro

Desenvolvido no Complexo do Borel, na Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, desde 1991, o projeto "A comunidade construindo o futuro" atende crianças e adolescentes da região, oferecendo atividades complementares à escola. Para isso, valoriza o aprendizado e o acesso à informação, elementos fundamentais para o sucesso de qualquer iniciativa que pretenda garantir a plena cidadania. E valoriza, principalmente, o seu investimento, que ajuda a mudar – para melhor – a vida de cerca de 500 jovens e suas famílias.

O projeto

"A comunidade construindo o futuro" é um programa de desenvolvimento comunitário voltado prioritariamente para jovens de 7 a 14 anos moradores do Complexo do Borel. A idéia é facilitar o aprendizado da escola formal por meio de atividades socioeducativas vinculadas ao conteúdo curricular, com ações nas áreas de apoio escolar, arte-educação, esporte e lazer.



A Associação

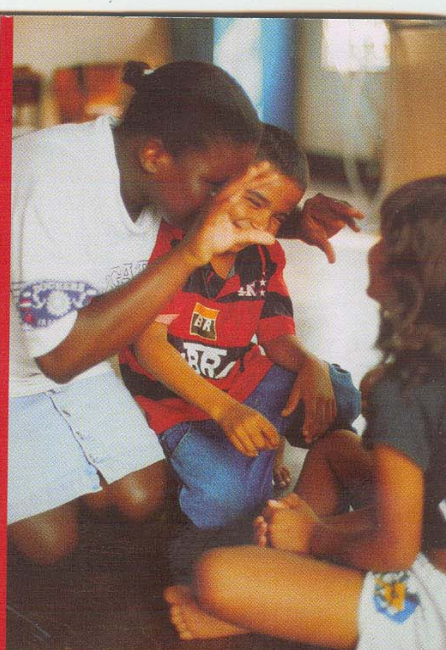
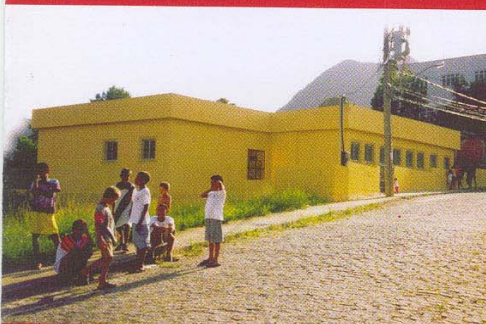
Fundada em 1991, a Associação é uma entidade sem fins lucrativos, criada para promover a educação de qualidade. Seus programas têm como base o uso eficiente dos recursos humanos e materiais, trabalhando em rede com a comunidade e a defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Roda Viva convoca a comunidade para discutir o que lhe confere identidade e peculiaridades, com o objetivo de fortalecer a cidadania.

Conselho Consultivo

Presidente: Augusto
Vice-presidente: Léa

Luiz Chrysostomo
Mauro Molchansk
Martha Freitas L
Heloisa Coelho
Wanda Engel Adu
Peggy Dulany



*"Vem, entra
com a gente,
Você é muito"*

Como a

As instituições
"A comunidade
um número X
estarão cump
diretamente e

Alternativa

PLANO 1

PLANO 2

PLANO 3

Atualmente
terço do inv
contribuiçã
Formar cida

As atividades

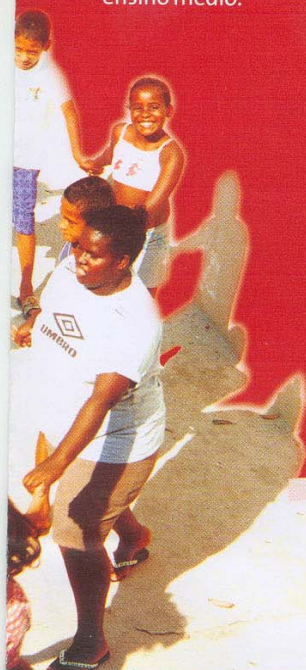
Reforço escolar, esporte, lazer, arte-educação, biblioteca, videoteca, brinquedoteca, formação de educadores, oficinas para professores de escolas públicas, Escola de Mães (para atendimento social e psicológico), cursos de informática, centros de referência social e capacitação profissional.

Os objetivos

Propiciar o domínio da leitura, da escrita e a capacidade de calcular e resolver problemas; desenvolver habilidades para descrever, interpretar e analisar fatos e situações; estimular a busca de informações; estimular a prática desportiva e garantir passagem direta do ensino fundamental ao ensino médio.

O diferencial

Todo o trabalho é desenvolvido de forma a integrar o jovem, sua família, a comunidade e a escola - inclusive capacitando educadores sociais e professores da rede pública. A recente inauguração do **Centro Cultural** criou uma referência central para todas as atividades, que acontecem ali e em 20 salas espalhadas pela comunidade.



A Associação Projeto
Consulte-nos para tirar dúvidas



quem somos

Quem Somos

Jovens com uma missão – **Jocum** - é uma ONG internacional e interdenominacional cristã. Temos cerca de 7 mil voluntários de tempo integral e de 20 mil voluntários de curto prazo em mais de 180 países. No Brasil iniciamos os nossos trabalhos em 1976, e hoje, contamos com mais de 140 bases em 22 estados. Temos como objetivo demonstrar o amor de Deus, através de ações concretas que ajudem na transformação da sociedade em todos os aspectos: educação, saúde, governo, economia, arte etc. Mesmo tendo uma visão da necessidade das transformações estruturais na sociedade como um todo, temos como princípio não perder de foco a individualidade de cada ser humano.

Borel

O morro do Borel, é uma das comunidades mais antigas da capital, se localiza no bairro da Tijuca na zona norte do Rio de Janeiro, tem uma população aproximada de 20 mil moradores, sendo a maioria delas compostas de jovens e crianças. As atividades da Jocum nesta comunidade se iniciaram em 1990 com o ambulatório. Atualmente desenvolvemos várias atividades de saúde pública e sócio educativas: ambulatório, consultório odontológico, creche Semente, escola de música Bom Tom, Criarte, Dança, Centro de informática, Biblioteca. Atualmente temos uma equipe permanente de 12 voluntários de tempo integral que vivem no morro 24 hs por dia, além deles, recebemos voluntários de tempo parcial sendo vários da própria comunidade. Um dos nossos alvos é trabalhar e realizar junto com a comunidade em curto, médio e longo prazo, projetos que visam a geração de renda e o preparo de jovens para o mercado de trabalho.

Nossa desejo é atender o maior numero de pessoas, em suas necessidades físicas, mentais, sociais e espirituais. Sabemos que apesar do Morro do Borel ser conhecido pela violência e tráfico de drogas. Acreditamos que ainda há esperança de que esta comunidade pode tornar-se em um lugar de paz e vida, desejamos fazer parte dos sonhos de Deus para essa comunidade